



Ecoturismo: análise bibliométrica e de redes sociais do campo de turismo no Brasil, 1990-2018

Ecotourism: bibliometric and social network analysis of Brazilian tourism field, 1990-2018

Andre Fontan Kohler, Luciano Antonio Digiampietri

RESUMO: O presente artigo apresenta um estudo bibliométrico e de redes do campo de turismo no Brasil, tomado como o conjunto de artigos publicados em 16 periódicos brasileiros de turismo. Com a utilização das palavras-chave, é descrita e avaliada sua trajetória (1990-2018), com foco no agrupamento de ecoturismo. Trabalha-se com a autoria (autores e instituições) e sua distribuição geográfica (unidades da federação, grandes regiões e países), a publicação (distribuição entre periódicos), o impacto (citações) e a estrutura intelectual (referências bibliográficas). O agrupamento é claramente delimitado, mas, dada a baixa capilaridade entre suas palavras-chave, acaba por se “confundir” com o conjunto de artigos que têm “ecoturismo” entre suas palavras-chave. A autoria é particularmente fragmentada, com nítida sobre representação da Grande Região Norte, em relação ao campo como um todo. Ainda na autoria, a Universidade de São Paulo tem a mais alta produção, por mais que, em termos de sobre representação, os números mais expressivos são os da Universidade Federal do Pará e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dos 208 artigos do agrupamento, a Revista Brasileira de Ecoturismo publicou 110 deles, o que corresponde a 52,88% do total. Na estrutura intelectual, chama a atenção a escassez de co citações relevantes, para autores, obras específicas e revistas científicas, bem como a grande importância da produção de governos e de organizações supranacionais. Isso indica que o agrupamento não tem, ainda, uma base teórica e conceitual bem definida.

PALAVRAS CHAVE: Ecoturismo; Bibliometria e Análise de Redes; Autoria; Estrutura Intelectual; Impacto.

ABSTRACT: We present a bibliometric and network analysis of the Brazilian field of tourism, taken as the articles published in 16 Brazilian tourism journals. Utilizing keywords, we describe and evaluate its trajectory (1990-2018), with focus on the ecotourism cluster. We study the authorship (authors and institutions) and its geographic distribution (Brazilian states and regions and countries), dispersal of publication (distribution among journals), impact (citations) and intellectual structure (bibliographic references). The cluster is clearly delimited, but, given the low capillarity among its keywords, it ends up being "confused" with the set of articles that have "ecotourism" among their keywords. Authorship is particularly fragmented; there is a clear overrepresentation of articles published in the Northeast Region of Brazil, compared to the field as a whole. The Universidade de São Paulo has the highest production, but regarding overrepresentation the most expressive numbers come from Universidade Federal do Pará e Universidade do Estado do Rio de Janeiro. The Revista Brasileira de Ecoturismo published 110 of the cluster's 208 articles (52,88%). Regarding the intellectual structure, there are few cocitations (authors, works and journals), as well as the importance of governments and supranational organizations in the authorship. The cluster still does not have a clear and well-defined conceptual and theoretical base.

KEYWORDS: Ecotourism; Bibliometric and Network Analysis; Authorship; Intellectual structure; Impact.

Introdução

A bibliometria consiste em um instrumento para a análise quantitativa da produção científica, o que inclui sua autoria, metodologia de pesquisa e referências bibliográficas. Isso permite a análise e a avaliação da trajetória e do estado atual de uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento, no que concerne sua estrutura intelectual, estrutura social e estrutura conceitual.

Kirilenko e Stepchenkova (2018, p.1-2, tradução nossa) descrevem a utilidade da pesquisa bibliométrica centrada em uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento, destacando-se, inclusive, a possibilidade de verificar a existência de lacunas no campo e a existência de eventuais inconsistências da pesquisa:

Do ponto de vista do campo de conhecimento como um todo, o qual é o foco do presente estudo, o exame sistemático da produção científica é utilizado para acompanhar a evolução da disciplina, identificar novas tendências e desenvolvimentos, apontar lacunas no conhecimento e inconsistências nos resultados da pesquisa, sugerir direções para a pesquisa futura, e, de forma geral, prover um panorama atualizado do campo. Para uma disciplina tão diversa e extensa como o turismo, a qual recebe contribuições de vários campos de pesquisa, a análise de suas propriedades estruturais é de valor particular¹.

No presente trabalho, apresenta-se uma análise bibliométrica e de redes do campo de turismo no Brasil, tomado como o conjunto de artigos publicados em 16 periódicos brasileiros de turismo. Por meio das palavras-chave de cada artigo, é descrita e avaliada a trajetória desse campo, no período 1990-2018, assim como se aprofunda o agrupamento centrado na palavra-chave “ecoturismo”.

O objeto de estudo do presente artigo é o conjunto de revistas científicas brasileiras de turismo. Seguindo-se Jogaratnam *et al.* (2005), Benckendorff e Zehrer (2013), Strandberg *et al.* (2018), Racherla e Hu (2010) e Kumar, Sureka e Vashishtha (2020), contemplaram-se apenas os artigos completos, sem considerar editoriais, resenhas, entrevistas e todo o resto.

Ao contrário de o que é mais comum de encontrar no campo de turismo, casos de Ye, Li e Law (2013), Koc e Boz (2014) e Kirilenko e Stepchenkova (2018), trabalha-se com um amplo conjunto de periódicos, e não apenas com aqueles avaliados como os mais importantes. Isso segue a recomendação de Jamal *et al.* (2008) e McKercher (2005), de modo a não se restringir a pesquisa a uma fração muito diminuta do campo de conhecimento.

As revistas científicas selecionadas precisaram cumprir, simultaneamente, com quatro requisitos. Primeiro, ser um periódico publicado no Brasil, com o sistema de avaliação cega por pares para a publicação de artigos. Segundo, o periódico precisa ser de turismo, sem contemplar outra ciência, disciplina ou campo de conhecimento. Por exemplo, a revista *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review* foi excluída do objeto de estudo, em virtude disso. Terceiro, em fevereiro de 2019, o periódico precisava estar classificado no Qualis Periódicos, Área Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, com, pelo menos, B5 nas

classificações de periódicos (quadriênio 2013-2016). Quarto, o periódico precisava estar ativo até, pelo menos, o final do ano de 2016.

No total, 16 periódicos foram selecionados, a saber: a) Anais Brasileiros de Estudos Turísticos (ABET); b) Applied Tourism (AT); c) Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo (CEPT); d) CULTUR – Revista de Cultura e Turismo (CULTUR); e) Caderno Virtual de Turismo (CVT); f) Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo (RAOIT); g) Revista Brasileira de Ecoturismo (RBE); h) Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBPT); i) Revista Iberoamericana de Turismo (RITUR); j) Revista Latino-Americana de Turismologia (RLAT); k) Revista Rosa dos Ventos (RRV); l) Revista de Turismo Contemporâneo (RTC); m) Revista Turismo: Estudos e Práticas (RTEP); n) Revista Turismo – Visão e Ação (RTVA); o) Turismo em Análise (TA); e p) Turismo e Sociedade (TS).

Há dois objetivos gerais. Primeiro, objetiva-se descrever e analisar a trajetória do agrupamento de ecoturismo, no período 1990-2018, por meio de suas palavras-chave e de suas eventuais ligações com outros agrupamentos. Para isso, utilizam-se três períodos de tempo construídos de forma cumulativa (1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018). Para a construção e a delimitação dos agrupamentos, foram utilizadas apenas as palavras-chave dos artigos.

Segundo, considerando o período 1990-2018, foi feita uma descrição, análise e avaliação do agrupamento de ecoturismo, composto também por “unidades de conservação”, “desenvolvimento sustentável”, “turismo sustentável”, “educação ambiental”, “comunidade local”, “meio ambiente”, “turismo de aventura” e “impactos ambientais”. Isso contempla seis pontos, a saber: a) autoria: quais são os principais autores e instituições responsáveis pela produção de artigos, e o que isso representa?; b) unidades da federação e países: levando-se em conta a sede das instituições, verificar a produção de artigos entre as unidades da federação e entre o Brasil e países estrangeiros; c) periódicos brasileiros de turismo: em quais deles a produção está mais concentrada, e qual é o porquê disso?; d) impacto: de modo geral, como está o desempenho do agrupamento de ecoturismo, em relação aos outros agrupamentos e aos 3.887 artigos publicados do campo de turismo no Brasil? No conjunto dos artigos com mais alto impacto, quais deles pertencem ao agrupamento de ecoturismo?; e) estrutura intelectual: tomando como base as referências bibliográficas dos artigos, verificar quais são os principais autores, obras e periódicos que formam a estrutura intelectual do agrupamento; e f) estudos de negócios turísticos e estudos turísticos para além de seus negócios: verificar a divisão para esse agrupamento.

Para os dois objetivos gerais, cumpre destacar e comentar não apenas as presenças e as relações existentes, mas também as lacunas e os silêncios. Cumpre, dessa forma, questionar, sempre que possível, quais resultados eram esperados para o agrupamento de ecoturismo, mas que não apareceram na pesquisa.

O artigo justifica-se por meio de três pontos. Primeiro, a bibliometria e a análise de redes permitem que os pesquisadores estudem o turismo como um sistema de construção de conhecimento (KIRILENKO; STEPCHENKOVA, 2018; BENCKENDORFF; ZEHRER, 2013).

Segundo, como bem argumenta McKercher (2005), os artigos publicados em periódicos, os quais utilizam o sistema de avaliação cega por pares, são o elemento mais importante para a avaliação da qualidade de uma pesquisa, pesquisador ou instituição. As revistas científicas constituem-se em um objeto de estudo, cuja

análise é capaz de apontar a trajetória e os rumos de um campo de conhecimento, acadêmica e profissionalmente (XIAO; SMITH, 2006).

Por fim, como apontam Moreno-Gil et al. (2020), a bibliometria e análise de redes no campo de turismo concentram-se, ainda, na produção científica dos Estados Unidos da América, Europa e Ásia, escrita no idioma inglês. A produção científica feita na América Latina é ainda pouco estruturada, consistindo em uma lacuna do campo de turismo.

Revisão de Literatura

Tribe (1997) discute a epistemologia do turismo, com ênfase na questão de o que o turismo é, quando pensado academicamente – disciplina, ciência ou campo(s) de conhecimento?

Ele opta por definir o turismo como a soma de dois campos de conhecimento, a saber: a) o campo de estudos de negócios turísticos (*tourism business studies*); e b) o campo de estudos turísticos para além de seus negócios (*non-business tourism studies*). Ou seja, o turismo é um objeto de estudo passível de ser abordado por meio de uma série de ciências e disciplinas, tomadas isoladamente ou em conjunto, o que faz com que esses dois campos sejam marcados por estudos multidisciplinares, interdisciplinares, interdisciplinares voltados a negócios e extradisciplinares (TRIBE, 1997).

As discussões e discordâncias acerca da epistemologia do turismo – e se o turismo se constitui em uma ciência, disciplina ou campo – revelam um campo de conhecimento que é, ainda, relativamente jovem e em estágio de amadurecimento. Ao invés de existir um paradigma, o campo é coabitado por tradições provenientes de diferentes áreas, o qual é relativamente aberto a novas teorias, metodologias de pesquisa e instituições (TRIBE, 1997, 2010).

No processo de comunicação científica, os docentes e pesquisadores exercem o triplo papel de produtores, consumidores e disseminadores da produção científica. Nesse processo, os periódicos (revistas científicas) costumam ser o veículo mais valorizado, inclusive por contar, para a publicação de artigos, com o sistema de dupla avaliação cega por pares.

Na avaliação da qualidade da pesquisa do campo de turismo, McKercher (2005) defende que os artigos publicados em periódico, que utiliza o sistema de avaliação cega por pares, são o elemento mais importante para a avaliação da qualidade de uma pesquisa, pesquisador ou instituição.

Hall (2011, p.16, tradução nossa) bem resume a utilização das revistas científicas:

Primeiro, para produzir, disseminar e trocar conhecimento acadêmico. Segundo, para classificar e ordenar o trabalho acadêmico e de pesquisa, de modo a auxiliar a distribuição de fundos para a educação e a pesquisa. Terceiro, para subsidiar decisões acerca da contratação e da promoção, assim como para identificar o status relativo de indivíduos, departamentos e instituições².

A trajetória de um conjunto de periódicos científicos pode refletir não apenas o desenvolvimento de uma comunidade acadêmica, mas também de uma indústria ou setor econômico (KOC; BOZ, 2014).

Nos últimos anos, tem havido expressivo crescimento da utilização da bibliometria e da análise de redes no campo de turismo (BENCKENDORFF; ZEHRER, 2013; KOSEOGLU *et al.*, 2016). Esses instrumentos permitem que se tenha acesso a amplo conjunto de dados e informações sobre uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento, como bem sintetizam Koseoglu *et al.* (2016, p.181, tradução nossa):

[...] (a) Qual é a estrutura intelectual da disciplina, e como ela evolui? (b) Qual é a estrutura social da disciplina? (c) Quais são as estruturas conceituais da disciplina? (d) Qual é a melhor maneira de avaliar a produção resultante de pesquisa? (e) Como devem ser avaliados o impacto de pesquisadores e instituições? (f) Como a disciplina está a progredir em temas abordados, métodos [de pesquisa] empregados e amostras utilizadas? Ao responder essas perguntas, possíveis vieses subjetivos são minimizados, e inferências de especialistas são validadas, levando a escolhas de pensamento, e a que conexões inter-relacionadas entre elas sejam delineadas³.

A análise de redes é um instrumento capaz de levar a análise para além das propriedades e características individuais dos elementos em questão. Na análise de redes, as relações existentes entre os elementos são a prioridade, ao passo que as características individuais assumem importância secundária (OTTE; ROUSSEAU, 2002).

Ao analisar a trajetória do conteúdo dos artigos publicados no periódico *Annals of Tourism Research*, Xiao e Smith (2006) apontam que, durante os anos 1990 e início dos anos 2000, houve nítida queda de conteúdos vinculados à economia do turismo e à indústria do turismo, a exemplo de estudos sobre emprego, balanço de pagamentos e inflação, contrabalançada pelo aumento dos trabalhos preocupados com questões socioculturais (meio ambiente, desenvolvimento comunitário etc.).

Já Garrigos-Simon, Narangajavana-Kaosiri e Lengua-Lengua (2018) coletaram 2.279 artigos, por meio da *Web of Science* (WoS), os quais utilizam, simultaneamente, as palavras-chave “sustentabilidade” e “turismo”. Segundo os autores, tanto em frequência quanto em ocorrência, as seis principais palavras-chave são as seguintes: a) sustentabilidade; b) turismo; c) turismo sustentável; d) desenvolvimento sustentável; e) ecoturismo; e f) mudança climática. Por outro lado, os resultados indicam que: “[...] áreas como população, prosperidade, paz, poluição, proteção, responsabilidade social ou ética ainda não emergiram, totalmente, como postulado por estudos bibliométricos prévios⁴” (GARRIGOS-SIMON; NARANGAJAVANA-KAOSIRI; LENGUA-LENGUA, 2018, p.17, tradução nossa).

Metodologia de Pesquisa

A metodologia de pesquisa baseia-se em seis etapas, a saber: a) coleta de dados; b) verificação e desambiguação de nomes; c) construção e delimitação dos agrupamentos; d) cálculo de índices e de métricas e montagem de *rankings*; e) construção de redes (grafos) de autoria e de redes de referências bibliográficas (autores, obras e revistas científicas); e f) análise qualitativa dos dados, *rankings* e grafos criados.

Como será visto, adiante, o campo de turismo no Brasil (1990-2018) é formado por cinco agrupamentos, dentre os quais se encontra o de ecoturismo, abordado no presente artigo. Os demais quatro agrupamentos são objeto de análise, cada um, de outro artigo de periódico, a exemplo de Köhler e Digiampietri (2021), o qual trabalha com o de hospitalidade.

Os artigos sobre os cinco agrupamentos compartilham parte considerável da metodologia de pesquisa, no que concerne a coleta e o tratamento de dados, assim como a construção e delimitação de agrupamentos e o cálculo de índices e métricas. Dessa forma, a metodologia de pesquisa é descrita, aqui, de maneira resumida. Para ver a descrição completa dos procedimentos metodológicos adotados, comuns aos cinco agrupamentos, cumpre ler Köhler e Digiampietri (2021).

Coleta de dados

Em todas as etapas e para todos os elementos (autoria, citações e referências bibliográficas), foram feitas, manualmente, a coleta de dados de fontes primárias e sua revisão (verificação em si e desambiguação de nomes).

No caso da autoria e das referências bibliográficas, foram utilizados os arquivos (.pdf) dos artigos, descarregados do sítio eletrônico de cada revista. As referências bibliográficas foram classificadas nas seguintes categorias: a) Artigo de periódico (campo de turismo); b) Artigo de periódico (outros); c) Livro; d) Capítulo de livro; e) Monografia (mestrado/doutorado); f) Comunicação – art. completo anais evento; e g) Outros. Em “Outros”, incluem-se referências ligadas a eventos técnico-científicos, mas que não se enquadram como “Comunicação – art. completo anais evento”, a exemplo de resumo, resumo expandido e pôster.

No caso das citações, foi acessado seu registro no Google Acadêmico. A utilização do Google Acadêmico tem sido defendida por muitos autores que publicam no campo de turismo, inclusive como uma estratégia para superar o fato de muitos de seus periódicos não fazerem parte de índices de impacto (JAMAL *et al.*, 2008; MCKERCHER, 2008; HALL, 2011; STRANDBERG *et al.*, 2018; KOSEOGLU *et al.*, 2016). Sempre que possível, foi verificada a validade da citação, por meio do documento que cita.

Para toda e qualquer citação, foram feitos os seguintes filtros: a) autocitação (há, pelo menos, um autor em comum entre o trabalho citado e o que o cita); b) erro (não há um documento constante no Google Acadêmico, ou, caso ele exista, não cita o artigo em questão; e c) redundância (o mesmo documento aparece mais de uma vez na lista de citações).

Cada citação foi classificada em uma de sete categorias, de modo similar ao que foi feito para as referências bibliográficas.

Verificação e desambiguação de nomes

A verificação e a desambiguação de nomes permitiram a correção de muitos dados coletados. Em especial, o tratamento das referências bibliográficas foi de um processo longo e composto por várias rodadas de revisão. De um lado, a verificação e desambiguação de nomes permitiram a correção de erros cometidos pelos próprios autores dos artigos, como, por exemplo, a supressão de autores das obras citadas e a utilização de um tipo de trabalho como se fosse de outro, caso comum para capítulos de livro, os quais aparecem citados, com certa frequência, como livros.

De outro, alguns tipos não têm, ainda, sua utilização normatizada na prática, como peças de legislação e relatórios governamentais. Para esses dois tipos de produção, varia muito a maneira como eles aparecem nas referências bibliográficas.

Construção e delimitação dos agrupamentos

O processo de construção dos agrupamentos de palavras-chave corresponde a uma adaptação do método proposto por Grauwin e Jensen (2011) para agrupamento de artigos, com base em suas referências bibliográficas, por meio da medida de similaridade de acoplamento bibliográfico (*bibliographic coupling*) (KESSLER, 1963). O acoplamento bibliográfico utiliza o número de referências compartilhadas por dois trabalhos como uma medida de similaridade de conteúdo entre eles (KOSEOGLU *et al.*, 2016).

A adaptação assume que artigos que compartilhem palavras-chave possuem temática semelhante.

Parte-se do princípio, seguindo-se Mulet-Forteza *et al.* (2019) e Kumar, Sureka e Vashishtha (2020), de que as palavras-chave bem expressam o conteúdo e o tema de pesquisa de um determinado artigo. A co-ocorrência de uma ou mais palavras-chave, em dois artigos, é um indicador de que eles compartilham uma metodologia de pesquisa, objeto de estudo e/ou tema de pesquisa. A análise de redes – por meio das palavras-chave – permite delinear o espaço conceitual de uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento.

As palavras-chave “turismo” e “Brasil” foram removidas do conjunto de dados, por terem alta frequência e muito baixo poder descritivo. Adicionalmente, palavras-chave pouco frequentes e co-ocorrências de palavras-chave com baixo valor foram descartadas na análise, por terem baixo poder descritivo – têm pouca relevância para a delimitação e compreensão do campo. Para 1990-1999, foram consideradas as palavras-chave com frequência igual a, pelo menos, três, e/ou que estejam em co-ocorrência com valor igual a, minimamente, dois. Para 1990-2009 e 1990-2018, os valores são iguais a cinco e três e a 20 e cinco, respectivamente.

Para cada agrupamento, foram considerados os artigos que cumprem, pelo menos, um dos seguintes requisitos: a) ter a palavra-chave com mais alta frequência; e b) ter, pelo menos, duas palavras-chave do agrupamento, independentemente de quais sejam elas.

Cálculo de índices e de métricas e montagem de rankings

Foram calculados poucos índices e métricas, pois se avalia ser mais proveitoso a análise qualitativa dos *rankings* e dos grafos construídos. Isso se deve, principalmente, ao fato de o agrupamento de ecoturismo ter um número relativamente pequeno de artigos (208), assim como os outros quatro.

Foi utilizada a contagem simples para medir a produção do agrupamento, as palavras-chave e as referências bibliográficas, por meio da qual cada elemento (por exemplo, autor) recebe um ponto por artigo, independentemente de haver ou não coautoria.

No caso das citações (impacto), foram calculadas a média e a mediana, assim como o desvio-padrão, para cada agrupamento e para o campo de turismo no Brasil. Foram calculadas as citações reais, as quais consistem nas citações nominais subtraídas de autocitações e de erros e redundâncias.

Tanto a contagem simples quanto a construção dos *rankings* foram realizadas utilizando ferramentas computacionais próprias desenvolvidas pelos autores.

Construção de redes sociais (autoria) e de redes de referências bibliográficas (autores, obras e revistas científicas)

Foram construídas as seguintes redes: a) palavras-chave; b) referências bibliográficas – autores; c) referências bibliográficas – obras; e d) referências bibliográficas – revistas científicas. Dado o baixo número de artigos no agrupamento de ecoturismo, as redes construídas para os dados de autoria dos artigos não são mostradas, dado que não expõem relações significativas de coautoria.

A literatura não indica pontos de corte à análise de redes sociais, de aplicação universal. Foram aplicados pontos de corte comuns aos cinco agrupamentos, para a inclusão de autores, obras e periódicos nas redes de referências bibliográficas, a saber: a) frequência mínima de 10%, com arredondamento para baixo (20 de 208 artigos); e/ou b) aresta com, no mínimo, 5% dos artigos, com arredondamento para baixo (10 de 208 artigos).

Para a construção das redes - e, conseqüentemente, das figuras -, foram utilizadas ferramentas computacionais desenvolvidas pelos autores deste artigo.

Análise qualitativa dos dados, rankings e grafos criados

Dado que o agrupamento de ecoturismo tem apenas 208 artigos, privilegiou-se a análise qualitativa dos resultados, em detrimento da apresentação de uma série de índices e métricas. Para os autores, foram avaliadas, por meio do Currículo Lattes, sua formação acadêmica e produção científica. Para as obras (referências bibliográficas), havia já o conhecimento prévio de muitas delas. Para as não lidas, ainda, houve sua leitura transversal. Por fim, todos os periódicos presentes (referências bibliográficas) no *ranking* e/ou no grafo eram conhecidos pelos autores do presente artigo.

Para fechar a análise, foram classificados os artigos dos cinco agrupamentos, por meio da grande divisão proposta por Tribe (1997, 2010), em estudos ligados a negócios turísticos (*tourism business studies*) e em estudos não ligados a negócios turísticos (*non-business tourism studies*). Contudo, dado que Tribe (1997, 2010) não fornece parâmetros para tal classificação, ela foi feita a critério dos autores do presente artigo, com certo grau de subjetividade.

Resultados

No período 1990-2018, os 16 periódicos brasileiros de turismo publicaram 3.887 artigos, os quais, em conjunto, apresentam 108.595 referências bibliográficas, das quais 69.022 únicas, e foram citados 10.882 vezes por outros trabalhos. A Tabela 1 traz os dados básicos do objeto de estudo, divididos para os períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018.

As Figuras 1, 2 e 3 trazem os agrupamentos do campo de turismo no Brasil para os períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018, respectivamente. O tamanho dos nós representa a quantidade de artigos, ao passo que a grossura das arestas indica a quantidade de artigos que têm, conjuntamente, as duas palavras-chave em questão.

Para fins de visualização, para cada agrupamento, manteve-se, sempre que possível, o padrão de cores, ao longo dos períodos. Foram apresentados os rótulos apenas da palavra-chave com mais alta frequência em cada um deles, com as seguintes exceções: a) palavras-chave do agrupamento de ecoturismo, objeto do presente artigo; e b) palavras-chave presentes em arestas externas com o agrupamento de ecoturismo. As arestas externas (entre palavras-chave de agrupamentos diferentes) têm cor preta. Por fim, foram colocadas palavras-chave isoladas apenas com alta frequência.

O tamanho dos nós permite verificar a importância da palavra-chave, por meio de sua frequência. Quanto mais alta a frequência, maior é o nó. No caso do agrupamento de ecoturismo, é fácil perceber, para os períodos 1990-2009 e 1990-2018, que “ecoturismo” tem uma frequência muito mais alta do que qualquer outra palavra-chave do agrupamento. Para qualquer um dos outros quatro agrupamentos, a palavra-chave com mais alta frequência não se destaca das demais na mesma escala encontrada no de ecoturismo.

As arestas permitem a visualização de dois pontos. Primeiro, sua grossura indica a quantidade de artigos que trazem as duas palavras-chave em questão. No período 1990-2018, é possível perceber que as arestas do agrupamento de ecoturismo são quase todas finas, com exceção da que une “ecoturismo” a “unidades de conservação”, a qual é a mais grossa – nesse caso, há 25 artigos que trazem, simultaneamente, essas duas palavras-chave. Segundo, as figuras permitem ver a capilaridade de cada agrupamento, além da existência e número de arestas externas. Por exemplo, para 1990-2018, é fácil ver que há poucas arestas que não trazem, em uma de suas pontas, “ecoturismo”. A baixa capilaridade do agrupamento é visível.

No período 1990-1999, o agrupamento de ecoturismo tem 12 artigos, sendo formado pelas palavras-chave “ecoturismo” (12 artigos), “desenvolvimento sustentável” (quatro) e “ecologia” (três).

No período 1990-2009, o agrupamento de ecoturismo tem 65 artigos, sendo formado pelas seguintes palavras-chave: a) ecoturismo (58 artigos); b) desenvolvimento sustentável (31); c) turismo sustentável (23); d) unidades de conservação (15); e) meio ambiente (12); f) impactos ambientais (oito); g) turismo ecológico (sete); e h) conservação ambiental (seis).

Por fim, no período 1990-2018, o agrupamento tem 208 artigos, sendo formado pelas seguintes palavras-chave: a) ecoturismo (183 artigos); b) unidades de conservação (87); c) desenvolvimento sustentável (73); d) turismo sustentável (70);

e) educação ambiental (48); f) comunidade local (43); g) meio ambiente (35); h) turismo de aventura (26); e i) impactos ambientais (26).

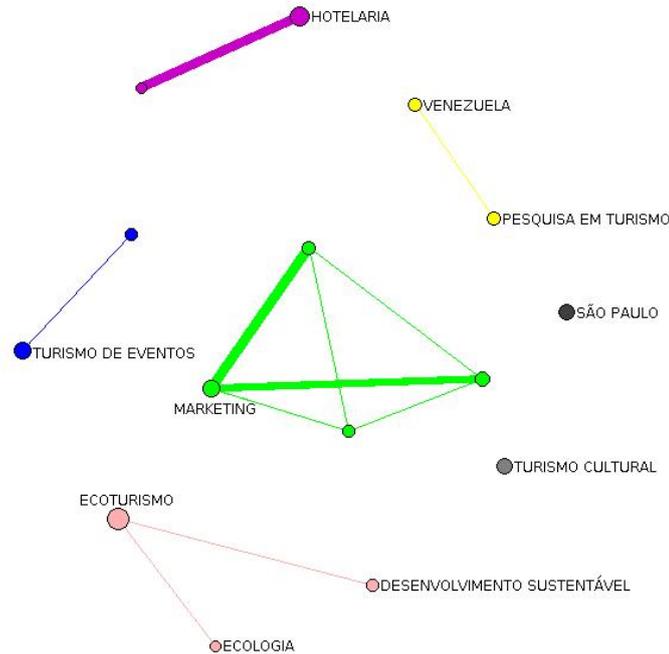


Figura 1: Campo de turismo no Brasil – agrupamentos (1990-1999).

Figure 1: Brazilian field of tourism – clusters (1990-1999).

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

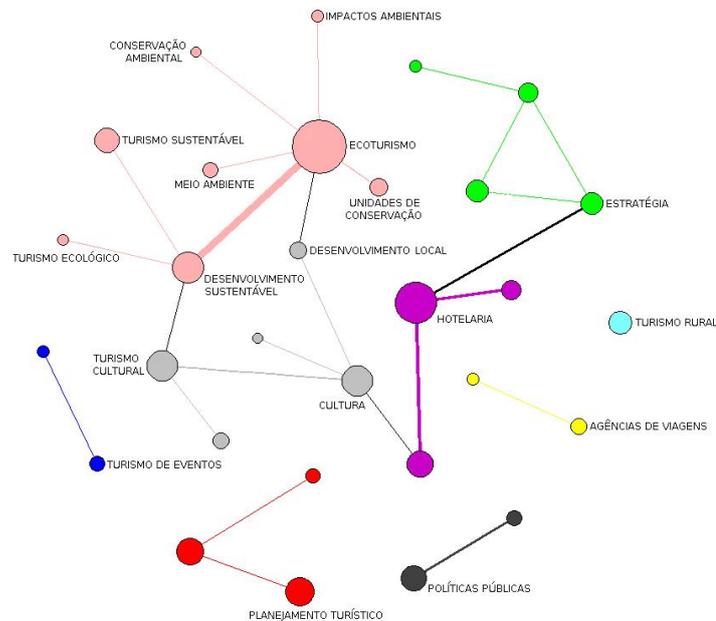


Figura 2: Campo de turismo no Brasil – agrupamentos (1990-2009).

Figure 2: Brazilian field of tourism – clusters (1990-2009).

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

Tabela 1: Campo de turismo no Brasil – dados básicos (1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018).

Table 1: Brazilian field of tourism – basic data (1990-1999, 1990-2009 and 1990-2018).

	Período 1990-1999		Período 1990-2009		Período 1990-2018	
	Total	%	Total	%	Total	%
Artigos	181		957		3.887	
Autoria						
Autores únicos	165		1.166		4.915	
Instituições únicas	67		347		1.012	
Unidades da federação únicas	12		22		26	
Países únicos	8		21		46	
Palavras-Chave						
Palavras-Chave	820		3.595		15.269	
Palavras-Chave únicas	575		1.930		6.047	
Artigos sem palavras-chave	5	2,76%	58	6,06%	74	1,90%
Impacto/Citações						
Citações reais totais	984		5.642		10.882	
Média de citações por artigo	5,44		5,90		2,80	
Mediana de citações por artigo	2		3		1	
Artigos sem nenhuma citação	50	27,62%	190	3,37%	1.638	15,05%
Citações reais totais (por tipo)						
Artigo de periódico (campo de turismo)	187	19,00%	1.333	23,63%	3.033	27,87%
Artigo de periódico (outros)	136	13,82%	1.026	18,19%	2.115	19,44%
Livro	40	4,07%	74	1,31%	114	1,05%
Capítulo de livro	16	1,63%	100	1,77%	210	1,93%
Monografia (mestrado/doutorado)	397	40,35%	1.890	33,50%	3.184	29,26%
Comunicação - art. completo anais evento	133	13,52%	783	13,88%	1.383	12,71%
Outros	75	7,62%	431	7,64%	835	7,67%
Referências bibliográficas						
Número de entradas	1.791		17.856		108.595	
Referências bibliográficas únicas	1.621		13.191		69.022	
Média de ref. bib. por artigo	9,90		18,66		27,94	
Mediana de ref. bib por artigo	7		16		25	
Referências bibliográficas (por tipo)						
Artigo de periódico (campo de turismo)	142	7,93%	1.275	7,14%	13.394	12,33%
Artigo de periódico (outros)	154	8,60%	2.232	12,50%	19.583	18,03%
Livro	694	38,75%	7.658	42,89%	36.576	33,68%
Capítulo de livro	105	5,86%	1.750	9,80%	9.589	8,83%
Monografia (mestrado/doutorado)	63	3,52%	761	4,26%	4.733	4,36%
Comunicação - art. completo anais evento	70	3,91%	771	4,32%	4.521	4,16%
Outros	563	31,43%	3.409	19,09%	20.199	18,60%

Fonte: Köhler e Digiampietri (2021).

Source: Köhler e Digiampietri (2021).

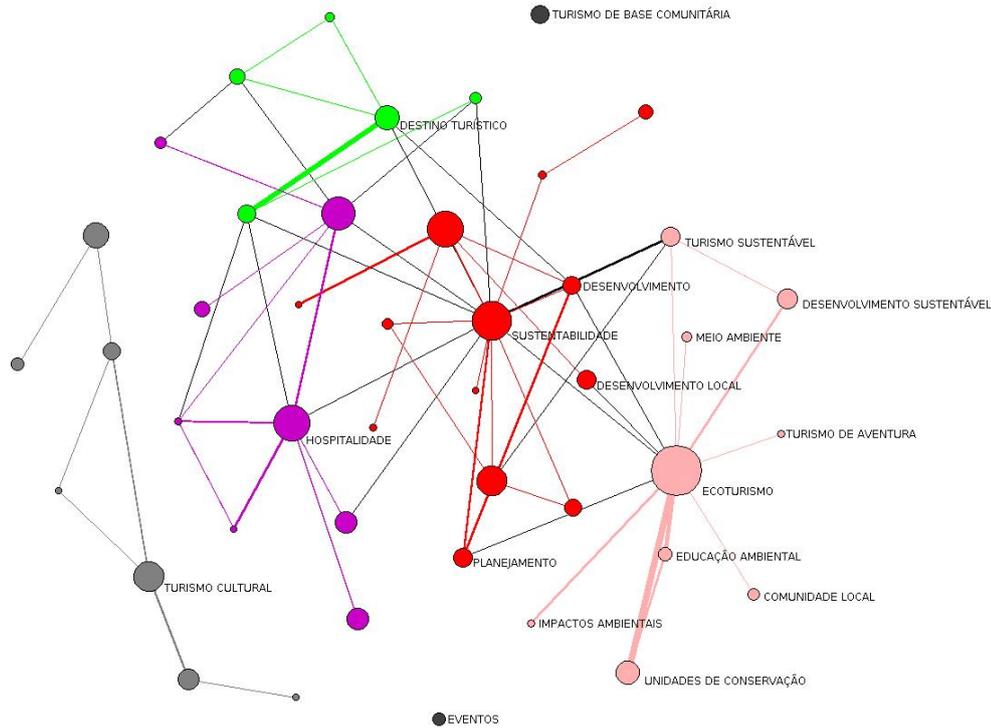


Figura 3: Campo de turismo no Brasil – agrupamentos (1990-2018)

Figure 3: Brazilian field of tourism – clusters (1990-2018)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

A Tabela 2 traz uma série de dados básicos para cada agrupamento (1990-2018); isso permite a análise do agrupamento de ecoturismo, em perspectiva comparada:

A Tabela 3 traz a lista com os autores com mais alta produção do agrupamento de ecoturismo, assim como a Tabela 4 apresenta o mesmo tipo de dados para as instituições:

É possível comparar a participação desses autores e instituições no agrupamento de ecoturismo com a no campo de turismo no Brasil, assim como o quanto da produção do autor ou instituição liga-se a aquele.

Tabela 2: Campo de turismo no Brasil – dados básicos por agrupamento (1990-2018)
Table 2: Brazilian field of tourism – basic data per cluster (1990-2018)

	Turismo Cultural		Ecoturismo		Destino Turístico		Hospitalidade		Sustentabilidade		Universo de artigos	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Artigos	139		208		98		157		213		3.887	
Autoria												
Autores únicos	219		438		170		240		433		4.915	
Instituições únicas	98		145		77		91		165		1.012	
Unidades da federação únicas	24		24		17		21		23		26	
Países únicos	11		11		9		10		14		46	
Impacto/Citações												
Citações reais totais	366		661		323		395		746		10.882	
Média de citações por artigo	2,63		3,18		3,30		2,52		3,50		2,80	
Mediana de citações por artigo	1		2		1		1		1		1	
Artigos sem nenhuma citação	63	45,32%	65	31,25%	39	39,80%	72	45,86%	95	44,60%	1.638	42,14%
Citações reais totais (por tipo)												
Artigo de periódico (campo de turismo)	79	21,58%	185	27,99%	112	34,67%	134	33,92%	216	28,95%	3.033	27,87%
Artigo de periódico (outros)	67	18,31%	170	25,72%	53	16,41%	74	18,73%	148	19,84%	2.115	19,44%
Livro	2	0,55%	9	1,36%	3	0,93%	5	1,27%	9	1,21%	114	1,05%
Capítulo de livro	12	3,28%	10	1,51%	5	1,55%	9	2,28%	11	1,47%	210	1,93%
Monografia (mestrado/doutorado)	114	31,15%	164	24,81%	84	26,01%	94	23,80%	210	28,15%	3.184	29,26%
Comunicação - art. completo anais evento	50	13,66%	71	10,74%	30	9,29%	46	11,65%	95	12,73%	1.383	12,71%
Outros	42	11,48%	52	7,87%	36	11,15%	33	8,35%	57	7,64%	835	7,67%
Referências bibliográficas												
Número de entradas	3.389		5.583		3.704		4.516		6.312		108.595	
Referências bibliográficas únicas	2.782		4.334		2.999		3.547		5.232		69.022	
Média de ref. bib. por artigo	24,38		26,84		37,80		28,76		29,63		27,94	
Mediana de ref. bib por artigo	23		23,5		33		27		26		25	
Referências bibliográficas (por tipo)												
Artigo de periódico (campo de turismo)	245	7,23%	450	8,06%	893	24,11%	389	8,61%	769	12,18%	13.394	12,33%
Artigo de periódico (outros)	351	10,36%	853	15,28%	706	19,06%	860	19,04%	1.035	16,40%	19.583	18,03%
Livro	1.437	42,40%	1.681	30,11%	1035	27,94%	1804	39,95%	1.979	31,35%	36.576	33,68%
Capítulo de livro	359	10,59%	634	11,36%	208	5,62%	463	10,25%	612	9,70%	9.589	8,83%
Monografia (mestrado/doutorado)	138	4,07%	338	6,05%	161	4,35%	208	4,61%	276	4,37%	4.733	4,36%
Comunicação - art. completo anais evento	100	2,95%	252	4,51%	157	4,24%	144	3,19%	287	4,55%	4.521	4,16%
Outros	759	22,40%	1.375	24,63%	544	14,69%	648	14,35%	1.354	21,45%	20.199	18,60%

Fonte: Köhler e Digiampietri (2021).
 Source: Köhler e Digiampietri (2021).

Tabela 3: Agrupamento de ecoturismo – autores com mais alta produção (1990-2018)
Table 3: Cluster of ecotourism – authors with highest number of articles published (1990-2018)

Nome do autor	Agrupamento de ecoturismo		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		% do agrupamento sobre o campo
	Posição	Artigos	Posição	Artigos	
Heros Augusto Santos Lobo	1º	5	34º	12	41,67%
Zysman Neiman	1º	5	85º	8	62,50%
Jasmine Cardozo Moreira	3º	4	133º	6	66,67%
Alexandre de Gusmão Pedrini	3º	4	176º	5	80,00%
Vivian Castilho da Costa	3º	4	176º	5	80,00%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

Tabela 4: Agrupamento de ecoturismo – instituições com mais alta produção (1990-2018)
Table 4: Cluster of ecotourism – institutions with highest number of articles published (1990-2018)

Nome da instituição	Agrupamento de ecoturismo		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		% do agrupamento sobre o campo
	Posição	Artigos	Posição	Artigos	
Universidade de São Paulo	1º	16	1º	251	6,37%
Universidade Federal do Pará	2º	13	17º	51	25,49%
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	3º	11	24º	41	26,83%
Universidade Federal da Paraíba	4º	7	8º	84	8,33%
Universidade Federal do Paraná	5º	6	3º	186	3,23%
Universidade Federal de Minas Gerais	5º	6	7º	92	6,52%
Universidade Federal do Piauí	5º	6	16º	52	11,54%
Universidade Federal de São Carlos	5º	6	20º	44	13,64%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

A Tabela 5 mostra a distribuição da produção do agrupamento de ecoturismo e do campo de turismo no Brasil, entre as unidades da federação e grandes regiões do Brasil.

No caso dos países, o Brasil corresponde a 92,79% da produção (193 de 208 artigos); nenhum outro país responde por mais de um artigo publicado.

Por fim, em termos de produção, a Tabela 6 traz a lista com os 16 periódicos do campo de turismo no Brasil, mostrando, em número de artigos, o quanto cada um deles representa do campo como um todo e do agrupamento de ecoturismo, bem como a sobre representação ou a sub-representação daí resultante – nesse último caso, 100% significa que não há nenhuma delas:

Tabela 5: Agrupamento de ecoturismo – unidades da federação e grandes regiões do Brasil com mais alta produção (1990-2018)

Table 5: Cluster of ecotourism – Brazilian states and great regions with highest number of articles published (1990-2018)

Nome da unidade da federação ou grande região	Agrupamento de ecoturismo		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		% do agrupamento sobre o campo
	Posição	Artigos	Posição	Artigos	
São Paulo	1º	40	1º	667	6,00%
Minas Gerais	2º	24	6º	313	7,67%
Rio de Janeiro	3º	23	5º	317	7,26%
Pará	4º	17	15º	69	24,64%
Santa Catarina	5º	12	2º	379	3,17%
Paraná	5º	12	3º	328	3,66%
Distrito Federal	7º	10	9º	104	9,62%
Mato Grosso do Sul	7º	10	13º	87	11,49%
Paraíba	9º	9	10º	101	8,91%
Amazonas	9º	9	18º	34	26,47%
Bahia	9º	9	8º	157	5,73%
Rio Grande do Sul	12º	7	4º	324	2,16%
Piauí	12º	7	16º	61	11,48%
Maranhão	14º	6	17º	54	11,11%
Tocantins	14º	6	21º	25	24,00%
Sergipe	16º	5	14º	70	7,14%
Rio Grande do Norte	17º	3	7º	221	1,36%
Ceará	17º	3	11º	92	3,26%
Pernambuco	17º	3	12º	90	3,33%
Goiás	17º	3	19º	32	9,38%
Alagoas	17º	3	20º	31	9,68%
Roraima	17º	3	23º	21	14,29%
Espírito Santo	17º	3	24º	18	16,67%
Rondônia	24º	1	25º	5	20,00%
Mato Grosso	25º	0	22º	24	0,00%
Acre	25º	0	26º	1	0,00%
Amapá	27º	0	27º	0	Não se aplica
Região Sudeste	1º	90	1º	1315	6,84%
Região Nordeste	2º	48	3º	877	5,47%
Região Norte	3º	36	5º	155	23,23%
Região Sul	4º	31	2º	1031	3,01%
Região Centro-Oeste	5º	23	4º	247	9,31%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

Tabela 6: Agrupamento de ecoturismo – publicação nos 16 periódicos selecionados (1990-2018)
Table 6: Cluster of ecotourism – publication in the 16 Brazilian tourism journals (1990-2018)

Nome do periódico	Agrupamento de ecoturismo		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		Representação (turismo cultural / campo)
	Artigos	Porcentagem	Artigos	Porcentagem	
ABET	1	0,48%	141	3,63%	13,25%
AT	2	0,96%	80	2,06%	46,72%
CEPT	6	2,88%	88	2,26%	127,41%
CVT	27	12,98%	463	11,91%	108,98%
CULTUR	4	1,92%	251	6,46%	29,78%
RAOIT	4	1,92%	189	4,86%	39,55%
RBE	110	52,88%	357	9,18%	575,81%
RBPT	5	2,40%	266	6,84%	35,13%
RTC	1	0,48%	98	2,52%	19,07%
RITUR	3	1,44%	206	5,30%	27,21%
RLAT	0	0,00%	48	1,23%	0,00%
RRV	4	1,92%	311	8,00%	24,04%
RTEP	2	0,96%	117	3,01%	31,94%
RTVA	13	6,25%	438	11,27%	55,47%
TS	2	0,96%	239	6,15%	15,64%
TA	24	11,54%	595	15,31%	75,38%
TOTAL	208	100%	3887	100%	100,00%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

Para discutir a estrutura intelectual, são abordados os autores, as obras e as revistas científicas com mais alta frequência, nas referências bibliográficas, e/ou que aparecem nas redes de cocitação. A Tabela 7 traz o ranking de autores:

Tabela 7: Agrupamento de ecoturismo – autores mais referenciados (1990-2018)
Table 7: Cluster of ecotourism – most cited authors (references) (1990-2018)

Nome do autor	Citações (ref. bib.)	Nome do autor	Citações (ref. bib.)
Brasil	454	Sônia Kinker	27
Alexandre de Gusmão Pedrini	75	Heros Augusto Santos Lobo	26
Zysman Neiman	60	Marta de Azevedo Irving	26
Organização Mundial do Turismo	50	Stephen Wearing	23
Doris van de Meene Ruschmann	46	Hector Ceballos-Lascurain	22
Paulo dos Santos Pires	42	J. Neil	22
São Paulo	42	Rita Mendonça	22
Antonio Carlos Diegues	41	Adyr Aparecida Balastri Rodrigues	21
John Swarbrooke	37	Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano	21
Reinaldo Dias	32	Flavio Berchez	20
Mario Carlos Beni	30	José Martins da Silva Júnior	20

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

A Tabela 8 traz as obras mais citadas. Por fim, a Tabela 9 traz as revistas científicas. Apresentam-se, nesse caso, a frequência de vezes nas quais elas aparecem nas referências bibliográficas, bem como o número de artigos do agrupamento de ecoturismo nos quais elas aparecem em, pelo menos, uma referência bibliográfica (doravante denominada de “presença”, no presente artigo). Nessas duas tabelas, Mitraud (2003) e os *Annals of Tourism Research* estão tachados de cinza, pois entram na lista, apenas, em virtude do ponto de corte na cocitação:

Tabela 8: Agrupamento de ecoturismo – obras mais referenciadas (1990-2018)

Table 8: Cluster of ecotourism – most cited works (references) (1990-2018)

Referência Bibliográfica	Citações (ref. bib.)
Brasil (1994)	52
Kinker (2002)	30
Wearing e Neil (2001)	28
Brasil (2000)	24
Diegues (1996)	23
Ruschmann (1997)	23
Lindberg e Hawkins (1999)	21
Beni (1998)	21
Mitraud (2003)	17

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

Tabela 9: Agrupamento de ecoturismo – revistas científicas mais referenciadas (1990-2018)

Table 9: Cluster of ecotourism – most cited journals (references) (1990-2018)

Nome do periódico	Presença	Frequência
Revista Brasileira de Ecoturismo	37	72
Caderno Virtual de Turismo	33	47
Turismo em Análise	23	39
Journal of Sustainable Tourism	21	33
Tourism Management	21	46
Annals of Tourism Research	19	32

Fonte: Elaborada pelos autores.

Source: Own elaboration.

Dentre os cinco agrupamentos existentes, o de ecoturismo é o único no qual não há citações conjuntas em número relevante, nos autores, obras e revistas científicas presentes nas referências bibliográficas. No caso dos autores, as únicas cocitações relevantes são as entre Antonio Carlos Diegues e Paulo dos Santos Pires (11 artigos), Reinaldo Dias e Sônia Kinker (11), Zysman Neiman e Paulo dos Santos Pires (11) e Mario Carlos Beni e Reinaldo Dias (dez), excluindo-se autores institucionais.

No caso de obras específicas, há apenas duas arestas relevantes; ambas têm, em uma das pontas, Brasil (1994), o qual é um documento institucional. Há 11 cocitações com Mitraud (2003) – trata-se de um manual de aplicação técnica – e 11 com Kinker (2002).

Por fim, no caso das revistas científicas, há apenas duas cocitações relevantes, a saber: a) *Annals of Tourism Research* e *Tourism Management* (dez artigos); e b) Caderno Virtual de Turismo e Revista Brasileira de Ecoturismo (dez).

Discussão

Os dados presentes na Tabela 1 mostram o expressivo crescimento do campo de turismo no Brasil, nesses quase 30 anos sob análise. Na autoria, a produção científica “espalhou-se” por todas as unidades da federação, com exceção do Amapá, e conta com a participação de instituições do Brasil e de 45 países estrangeiros.

A estrutura intelectual dos artigos tem se tornado mais complexa. A média e mediana de referências bibliográficas por artigo passaram de 9,90 e 7 (1990-1999) para 27,94 e 25 (1990-2018), respectivamente, com crescimentos de 182,3% (média) e de 257,1% (mediana).

Cumprir destacar, de todo modo, que há nítidas diferenças entre os dados verificados para o campo como um todo e para cada um dos cinco agrupamentos, como a Tabela 2 bem deixa claro. No presente artigo, centra-se na análise do agrupamento de ecoturismo.

A discussão dos resultados está subdividida em seis subseções, a saber: a) a trajetória do agrupamento de ecoturismo, de 1990-1999 a 1990-2018; b) a produção do agrupamento, por autores, instituições, unidades da federação, grandes regiões e países; c) a estrutura intelectual do agrupamento, por meio das referências bibliográficas de seus artigos; d) a distribuição dos artigos do agrupamento entre os 16 periódicos brasileiros de turismo; e) o impacto do agrupamento de ecoturismo; e f) a divisão dos artigos do agrupamento em estudos de negócios turísticos e em estudos turísticos para além de seus negócios.

A trajetória do agrupamento de ecoturismo, de 1990-1999 para 1990-2018

No período 1990-1999, o campo de turismo no Brasil era composto, majoritariamente, pelo periódico TA – a RTVA foi criada apenas em 1998. Há apenas 181 artigos, dos quais cinco não apresentam palavras-chave. Dentro desse quadro, não é de se estranhar, como mostra a Figura 1, que haja agrupamentos com poucas palavras-chave, cada um deles, e nenhuma ligação entre si (ausência de arestas externas).

Desde esse período, “ecoturismo” é a palavra-chave com mais alta frequência do campo (12 artigos). No que tange o agrupamento, há já duas características que são também verificadas para 1990-2009 e 1990-2018, a saber: a) em termos de frequência, não há nenhuma outra palavra-chave que rivalize com “ecoturismo”; e b) trata-se de um agrupamento com baixa capilaridade. Para 1990-1999, as arestas têm “ecoturismo” como uma de suas pontas – “ecologia” e “desenvolvimento sustentável” não se ligam entre si.

De todo modo, os dados de 1990-1999 precisam ser vistos com cuidado, dado que a base de artigos é muito reduzida, e a coleta de dados mostrou que há baixa normalização na utilização de palavras-chave, nesse período.

No período 1990-2009, há a formação de oito agrupamentos, dos quais o de ecoturismo é o com mais alto número de artigos. Há o surgimento de quatro arestas externas, das quais duas têm esse agrupamento em uma de suas pontas – desenvolvimento sustentável-turismo cultural (três artigos) e ecoturismo-desenvolvimento local (três).

Em relação a 1990-1999, “ecologia” saiu do agrupamento e mesmo da lista de palavras-chave com frequência igual ou mais alta do que cinco. Não parece, contudo, ter havido a perda do tema, dado que “turismo ecológico” entrou no agrupamento, junto com várias outras palavras-chave ligadas à questão ambiental.

Em 1990-2009, pode-se dividir o agrupamento de ecoturismo em três partes. Primeiro, há “ecoturismo”, palavra-chave que o domina e centraliza, em intensidade

não verificada nos dois outros agrupamentos com mais de três palavras-chave, cada. Das sete arestas internas, cinco têm “ecoturismo” como uma de suas pontas.

Segundo, há “desenvolvimento sustentável” e “turismo sustentável”, ambas voltadas à questão da sustentabilidade. Segundo Garrigos-Simon, Narangajavana-Kaosiri e Lengua-Lengua (2018), houve um vertiginoso crescimento da sustentabilidade na literatura internacional, a partir dos anos 1990. No Brasil (campo de turismo), esse crescimento é mais perceptível só a partir dos anos 2010, com a consolidação do agrupamento de sustentabilidade. Nos anos 2000, as supracitadas palavras-chave encontram-se vinculadas ao ecoturismo.

Terceiro, há as outras cinco palavras-chave, todas ligadas à questão ambiental (“unidades de conservação”, “meio ambiente”, “impactos ambientais”, “turismo ecológico” e “conservação ambiental”).

O período 1990-2018 traz o agrupamento de ecoturismo com a palavra-chave com mais alta frequência – “ecoturismo” (183 artigos), seguida por “sustentabilidade” (141). Contudo, dada sua baixa capilaridade, o agrupamento de ecoturismo (208 artigos) foi ultrapassado pelo de sustentabilidade (213).

No período 1990-2018, o agrupamento de ecoturismo é formado por quatro partes. Primeiro, a palavra-chave “ecoturismo” continua a ser central e dominante, sem paralelo ao encontrado em outros agrupamentos. Das seis arestas externas (todas com o agrupamento de sustentabilidade), quatro têm “ecoturismo” como ponta. Das arestas internas, apenas duas não têm “ecoturismo” como uma de suas pontas (educação ambiental-unidades de conservação [nove] e desenvolvimento sustentável-turismo sustentável [oito]). Basicamente, isso é o que explica o fato de o agrupamento (208 artigos) confundir-se com o conjunto de artigos que tem a palavra-chave “ecoturismo” (183), os quais representam 87,98% do total.

Segundo, há duas palavras-chave (“desenvolvimento sustentável” e “turismo sustentável”) ligadas à questão da sustentabilidade, mas que permaneceram no agrupamento de ecoturismo.

Terceiro, o agrupamento de ecoturismo manteve a quase totalidade das palavras-chave ligadas à questão ambiental. Apenas “gestão ambiental” (28 artigos) encontra-se no agrupamento de sustentabilidade. “Unidades de conservação”, “educação ambiental”, “meio ambiente” e “impactos ambientais” fazem parte disso. As duas arestas do campo com mais alto valor são ecoturismo-unidades de conservação (25 artigos) e ecoturismo-educação ambiental (17).

Quarto, há “comunidade local” e “turismo de aventura”. No primeiro caso, o estudo do ecoturismo tem grande afinidade com as comunidades locais, por definição. Não se estranha sua presença no agrupamento. No segundo caso, “turismo de aventura” tem apenas 26 artigos. Para fins de comparação, “turismo rural” tem 132 artigos e “agroturismo” mais 21 artigos – ambas as palavras-chave estão no agrupamento de sustentabilidade. Ainda não é possível saber, ao certo, o porquê de turismo de aventura ter se ligado ao agrupamento – a aresta ecoturismo-turismo de aventura tem valor igual a apenas seis.

De certo modo, trata-se de um agrupamento centrado na mais importante palavra-chave do campo (“ecoturismo”), mas que se “confunde” com ela. Sua baixa capilaridade e a existência de apenas duas arestas externas (as quais não têm “ecoturismo” como uma de suas pontas) torna-o relativamente isolado dentro do campo, mesmo contando com muitas palavras-chave.

A produção do agrupamento, por autores, instituições, unidades da federação, grandes regiões e países

A produção do agrupamento de ecoturismo é particularmente fragmentada, no nível dos autores e instituições. Dos 438 autores únicos, 384 (87,67% do total) assinam apenas um artigo, sozinhos ou em coautoria. Do outro lado, não há nenhum autor tão dominante assim – Heros Augusto Santos Lobo e Zysman Neiman assinam, cada um, apenas cinco artigos. Dos cinco autores presentes na Tabela 3, quatro têm sua produção concentrada nesse agrupamento, destacando-se, em todos os casos, os artigos publicados na RBE. Heros Augusto Santos Lobo é o único autor que se encontra no primeiro centil (1%) dos autores mais produtivos do campo de turismo no Brasil.

Um ponto que chama a atenção é o fato de os cinco autores compartilharem três características, a saber: a) ter formação acadêmica, em pelo menos um nível (bacharelado/licenciatura, especialização, mestrado e/ou doutorado), em geografia, ciências ambientais e/ou biologia; b) terem baixa produção no campo de turismo no Brasil, fora do agrupamento de ecoturismo; e b) trata-se de pesquisadores muito produtivos – sua produção no campo de turismo no Brasil representa, apenas, uma pequena parcela de seus artigos totais publicados. Acerca da formação acadêmica, há “compatibilidade” com a concentração de palavras-chave ligadas à questão ambiental, no agrupamento.

Das 145 instituições, 113 (77,93%) assinam até dois artigos, sozinhos ou em coautoria. A Universidade de São Paulo é a primeira, tanto no campo quanto no agrupamento. Contudo, na Tabela 4, chama a atenção a presença de instituições cuja produção é altamente concentrada no agrupamento, mesmo sem ter nenhum docente específico dentre os mais produtivos – Universidade Federal do Pará (25,49%) e Universidade Federal do Piauí (11,54%). Dado que as instituições não contam com programa de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, não é possível afirmar, categoricamente, o porquê desses números. O aprofundamento da análise foge aos objetivos do presente artigo.

No caso da Tabela 5, há dois dados que chamam mais a atenção. Primeiro, há clara sub-representação da Grande Região Sul, notadamente do Rio Grande do Sul, o que coloca esse agrupamento fora do padrão encontrado nos outros quatro. Segundo, o agrupamento de ecoturismo responde por quase um quarto (23,23%) da Grande Região Norte. Essa sobre representação é verificada no Pará, Amazonas, Tocantins, Roraima e Rondônia, por mais que o Acre não tenha nenhum artigo publicado dentro do agrupamento.

A leitura transversal dos 36 artigos da Grande Região Norte revela que, de forma geral, trata-se de uma produção marcada por estudos de caso de unidades de conservação e de polos de ecoturismo localizados na Amazônia, nos quais há sempre a preocupação em conciliar o desenvolvimento do turismo com a preservação ambiental, secundada por questões ligadas à comunidade local.

Por fim, o agrupamento de ecoturismo é aquele com a mais alta participação do Brasil na autoria. Rigorosamente, não há nenhum país estrangeiro responsável por mais de um artigo.

A estrutura intelectual do agrupamento, por meio das referências bibliográficas de seus artigos

Por meio da Tabela 2, é possível perceber que a média e a mediana de referências bibliográficas por artigo do agrupamento de ecoturismo são próximas às verificadas para o campo como um todo. No que tange a composição dessas referências, cumpre destacar a mais baixa importância dos artigos de periódico (de turismo e outros), ao passo que os “Outros” (24,63%) estão acima do verificado para o campo e para todos os outros quatro agrupamentos.

No caso dos “Outros” do agrupamento de ecoturismo, foi possível perceber, no tratamento de dados, a importância de peças de legislação nas referências bibliográficas. De toda forma, o porquê de isso acontecer – com intensidade, apenas nesse agrupamento – foge à metodologia de pesquisa do presente artigo.

Há um ponto muito importante para a análise da estrutura intelectual do agrupamento de ecoturismo, que o distingue dos outros quatro e do campo. Para autores, obras e revistas científicas (referências bibliográficas), há poucas citações relevantes, de modo que o presente artigo opta por listá-las na subseção “RESULTADOS”, ao invés de apresentar os grafos. Ou seja, há poucos padrões relevantes de obras, de autores e de revistas científicas citadas conjuntamente. Há três possíveis explicações para isso, a saber:

- a) o termo “ecoturismo” é polissêmico, aberto a definições e usos variados, o que faz com que o agrupamento tenha uma base teórica e conceitual dispersa;
- b) o agrupamento tem uma autoria fragmentada, com docentes provenientes de um amplo conjunto de ciências, disciplinas e campos de conhecimento. Isso faz com que os artigos recorram a conjuntos de literatura analítica, histórica e de casos de estudo provenientes de fontes diversas, não resultando, como consequência, em uma estrutura intelectual bem definida;
- c) o agrupamento conta com uma alta porcentagem de ensaios e/ou de casos de estudo, de natureza aplicada, não tendo uma base teórica nem sequer conceitual sólidas.

A Tabela 7 reflete a importância de documentos, publicações e peças de legislação do Brasil (454), muito à frente do segundo autor mais citado (Alexandre de Gusmão Pedrini). Organização Mundial do Turismo (50) e São Paulo (42) completam o grupo de autores institucionais muito citados.

Com muitas citações, seguem autores importantes para o campo como um todo e para outros agrupamentos, a saber: a) Doris van de Meene Ruschmann (46); b) Paulo dos Santos Pires (42); c) Reinaldo Dias (32); d) Mario Carlos Beni (30); e e) Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano (21). De forma geral, tomando o campo como um todo, são autores que tendem a ser citados no início dos artigos, em conteúdos introdutórios. Dentre estes, apenas Paulo dos Santos Pires tem produção específica e extensa sobre ecoturismo.

Os demais autores não têm destaque para o campo como um todo (exceção: John Swarbrooke) nem sequer para os outros agrupamentos, o que indica que são específicos do ecoturismo e de temas e questões correlatos. De forma

geral, esses autores dependem de seus livros. Em marcante contraste com o verificado nos outros quatro agrupamentos, nos quais “santo de casa não faz milagre” (salvo raras exceções), três dos autores mais produtivos (Tabela 3) estão presentes na Tabela 7 – Alexandre de Gusmão Pedrini, Zysman Neiman e Heros Augusto Santos Lobo.

A análise da Tabela 8 (obras específicas) mostra uma característica bastante interessante da estrutura intelectual do agrupamento. É o único caso no qual um documento institucional (BRASIL, 1994) é o mais citado, dentre os cinco agrupamentos existentes. As outras oito obras específicas são todas livros, com exceção de Brasil (2000), e têm, de modo geral, caráter didático, introdutório e/ou técnico/aplicado. A grande presença de manuais é um bom indicador de que a base teórica e conceitual do agrupamento está ainda não bem definida.

Essa ênfase em textos didáticos, introdutórios e aplicados tem, como um de seus reflexos, o baixo número de periódicos listados na Tabela 9. Apesar de ter, em sua composição, uma porcentagem mais alta de artigos de periódico do que a encontrada para o agrupamento de turismo cultural, em suas referências bibliográficas, a Tabela 9 guarda semelhanças com a que seria feita para o agrupamento de turismo cultural (dados não mostrados). Há poucos periódicos que são muito citados, e há, apenas, duas arestas com cocitações relevantes.

Os dois periódicos mais citados (RBE e CVT) são, também, os que têm sobre representação na publicação de artigos do agrupamento de ecoturismo. Isso pode indicar a existência de dois fenômenos, os quais não são mutuamente excludentes, a saber: a) há a tendência de se citar artigos do periódico para o qual o docente está a submeter o trabalho, inclusive para valorizar a revista científica; e b) o CVT e a RBE publicam, regularmente, muitos trabalhos com enfoque no ecoturismo, logo seus artigos são mais citados. Segundo a experiência profissional dos autores, parece que os dois pontos são válidos para explicar o fenômeno.

De resto, temos a TA, periódico brasileiro de turismo com mais alto impacto (KÖHLER; DIGIAMPIETRI, 2020), dois dos principais periódicos internacionais de turismo (*Tourism Management* e *Annals of Tourism Research*) e uma revista científica que traz, em seu nome, uma das palavras-chave do agrupamento (*Journal of Sustainable Tourism*). É curioso notar que o agrupamento repete uma característica presente no campo como um todo, a saber: os periódicos brasileiros de turismo e as revistas internacionais de turismo tendem a ser co citadas com outras de seu mesmo grupo. No caso do agrupamento de ecoturismo, as cocitações relevantes são *Annals of Tourism Research-Tourism Management* (10 artigos) e Caderno Virtual de Turismo-Revista Brasileira de Ecoturismo (10).

Por fim, nota-se a ausência de periódicos de geografia e de ciências ambientais, dentre os mais relevantes, o que não era esperado.

A distribuição dos artigos do agrupamento entre os 16 periódicos brasileiros de turismo

Dos 16 periódicos brasileiros de turismo, apenas a RLAT não publicou nenhum artigo do agrupamento de ecoturismo. Trata-se da revista científica com o mais baixo número de artigos (48) do campo.

No caso da sobre representação, verifica-se no CEPT, no CVT e na RBE. A primeira revista científica encerrou já a publicação de artigos; não está claro o porquê de tal sobre representação. No caso da CVT, o periódico teve, durante muito tempo, o foco na publicação de artigos que versam sobre o turismo de base comunitária. Uma das palavras-chave do agrupamento é “comunidade local” – há clara relação.

Contudo, a sobre representação por excelência é a da RBE (575,81%). Matematicamente, tal sobre representação faz com que todas as outras revistas científicas tendem a apresentar, matematicamente, uma sub-representação. Nenhum outro agrupamento tem uma revista tão dominante quanto o de ecoturismo. Por exemplo, a sobre representação da CULTUR no agrupamento de turismo cultural é de 256,24%.

O impacto do agrupamento de ecoturismo

Nos dados gerais, o agrupamento de ecoturismo apresenta um impacto acima do verificado para o campo de turismo no Brasil. Entre os cinco agrupamentos, possui a mais baixa porcentagem de artigos sem nenhuma citação (31,25%) e a mais alta mediana de citações por artigo (dois). A média de citações por artigo é mais alta do que a do campo, mas abaixo da de dois outros agrupamentos (sustentabilidade e destino turístico).

No conjunto dos 70 artigos com mais citações⁵, o agrupamento de ecoturismo tem quatro entradas – Campos (2005), Körössy (2008), Pires (1998) e Ribas e Hickenbick (2012). Assim como verificado para outros agrupamentos, predominam artigos de caráter introdutório e de revisão de literatura.

A divisão dos artigos do agrupamento em estudos de negócios turísticos e em estudos turísticos para além de seus negócios

Dos cinco agrupamentos, o de ecoturismo é o com mais alta porcentagem de estudos turísticos para além de seus negócios (147 de 208 artigos – 70,67% do total).

Dentro do agrupamento, os estudos turísticos para além de seus negócios têm uma média de citações por artigo (3,29) mais alta do que a verificada para os estudos de negócios turísticos (2,90).

Considerações Finais

Dentre os cinco existentes no período 1990-2018, o agrupamento de ecoturismo é o segundo em número de artigos (208 de 3.887 – 5,35% do total), apesar de ter a palavra-chave com mais alta frequência (“ecoturismo”).

Avalia-se que a questão do ecoturismo está em crescimento e firmemente estabelecida no campo de turismo no Brasil, por mais que não com a mesma força encontrada para os estudos que envolvam a sustentabilidade, o turismo rural e agroturismo e o desenvolvimento (em suas variantes diversas). Não por acaso, o agrupamento de sustentabilidade ocupa o centro do grafo retratado pela Figura 3. Não se estranhará se, ao longo dos anos 2020, o agrupamento de hospitalidade

ultrapassar o de ecoturismo, em virtude do expressivo crescimento de “hospitalidade”, ao longo dos anos 2010, e de sua mais alta capilaridade.

Tomando as Figuras 1, 2 e 3, percebe-se que o agrupamento de ecoturismo está bem delimitado, desde os anos 1990, mas mantém as seguintes características: a) baixa capilaridade: o agrupamento é pouca coisa além dos artigos com a palavra-chave “ecoturismo”; e b) há poucas arestas externas com outros agrupamentos. Por meio da metodologia de pesquisa do presente artigo, não é possível afirmar, categoricamente, o que explica esses dois pontos.

É interessante notar a preponderância de estudos turísticos para além de seus negócios (147 de 208 artigos – 70,67% do total). Isso joga luz sobre um ponto, a saber: há relativamente poucos estudos de negócios turísticos. A julgar pela formação acadêmica dos autores mais produtivos, percebe-se a ausência de áreas como economia, administração (pública e de empresas) e *marketing*. Seria necessário ver o currículo Lattes de um conjunto mais amplo de autores do agrupamento, mas, à primeira vista, para haver uma escassez dessas áreas.

Na questão da autoria, chama a atenção a sobre representação da Grande Região Norte. Ela ter cinco artigos a mais do que a Grande Região Sul foge muito da composição da autoria para o campo (Tabela 5). A Universidade Federal do Pará tem um quarto de sua produção dentro do agrupamento, cuja autoria é particularmente fragmentada – individualmente, nenhum autor destaca-se. No caso da Grande Região Norte, percebe-se que seu conjunto de artigos é composto, majoritariamente, por estudos de caso na Amazônia.

Já a instituição com mais alta sobre representação é a Universidade do Estado do Rio de Janeiro; isso se dá pela atuação de dois pesquisadores presentes na Tabela 3 (Alexandre de Gusmão Pedrini e Vivian Castilho da Costa).

A RBE responde já por mais da metade da produção de artigos do agrupamento. Esperava-se a sobre representação, mas não na intensidade observada (575,81%). Não é possível estabelecer o que teria acontecido, caso a RBE nunca tivesse existido – quantos desses 110 artigos teriam sido publicados nos outros 15 periódicos brasileiros de turismo? De todo modo, a existência da RBE assegura que o ecoturismo seja uma questão importante, do ponto de vista bibliométrico. Por outro lado, a maior parte das revistas brasileiras de turismo publica muito pouco no agrupamento.

O que mais marca o agrupamento é sua estrutura intelectual. Há uma particular importância de peças de legislação e documentos de governos e organizações supranacionais e do terceiro setor. Outro ponto é que os grafos de cocitação (autores, obras e periódicos) trazem poucas arestas relevantes. Além disso, as obras específicas mais citadas consistem, basicamente, em livros de caráter introdutório, didático e/ou aplicado, além da presença de Brasil (1994, 2000).

Isso tudo aponta um agrupamento sem base teórica e conceitual definida, como já apontado. Por mais que, em um primeiro momento, isso possa revelar falta de maturidade ao agrupamento, uma análise mais apurada não assegura isso, necessariamente. O termo “ecoturismo” é polissêmico, aberto a contribuições de uma miríade de ciências, disciplinas e campos e com possível presença de muitos estudos aplicados. De todo modo, uma análise mais apurada exigiria uma leitura transversal do conjunto de artigos do agrupamento, o que foge da metodologia de pesquisa do presente artigo.

Em impacto, o agrupamento apresenta excelentes números, quando comparados aos verificados para os outros quatro e para o campo. É interessante verificar que, dentre os quatro artigos pertencentes ao primeiro centil (1%) do campo, nenhum deles foi publicado na RBE. Como aponta Köhler e Digiampietri (2020), apesar de seu crescimento recente, o impacto da RBE não a coloca, ainda, no grupo das revistas brasileiras de turismo com mais impacto. No agrupamento de ecoturismo, os artigos da RBE com mais alto impacto são Lobo, Perinotto e Boggiani (2008), Hintze (2009) e Pedrini *et al.* (2010), cada um com 13 citações reais totais.

Por fim, cumpre destacar dois pontos. Primeiro, sem demérito aos estudos turísticos para além de seus negócios, há falta de estudos de negócios turísticos – há poucos artigos do agrupamento nesse segundo grupo. Talvez, isso seja decisivo para a relativa carência de arestas externas, em 1990-2018, o que resulta em certo isolamento. A falta de arestas externas com os agrupamentos de destino turístico e de hospitalidade parece ser resultado disso.

Segundo, há uma clara limitação na metodologia de pesquisa, a saber: a criação e delimitação dos agrupamentos foram baseadas, unicamente, nas palavras-chave dos 3.887 artigos do campo. Dado que os próprios autores escolhem suas palavras-chave, por mais que elas possam ser alteradas, conforme pedidos de editor e/ou pareceristas, não há nenhuma garantia de que elas sempre retratem, fidedignamente, o conteúdo do artigo. Outra limitação reside no fato de que a produção científica em turismo no Brasil vai muito além dos 3.887 artigos publicados nos 16 periódicos selecionados.

Será útil refazer a pesquisa, por volta de 2025, a fim de verificar a trajetória dos agrupamentos do campo de turismo no Brasil, inclusive o de ecoturismo.

Referências

- BENCKENDORFF, P.; ZEHRER, A. A network analysis of tourism research. **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 121-149, 2013.
- Beni, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.
- BRASIL. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: EMBRATUR, 1994.
- BRASIL. Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000. **Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm > Acesso em: 18 mar. 2021.
- CAMPOS, A. M. N. O ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 5, n. 1, p. 1-6, 2005.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- GARRIGOS-SIMON, F. J.; NARANGAJAVANA-KAOSIRI, Y.; LENGUA-LENGUA, I. Tourism and sustainability: a bibliometric and visualization analysis. **Sustainability**, v. 10, n. 6, p. 1-23, 2018.
- GRAUWIN, S.; JENSEN, P. Mapping scientific institutions. **Scientometrics**, v. 89, p. 943, 2011.
- HALL, C. M. Publish and perish? Bibliometric analysis, journal ranking and the assessment of research quality in tourism. **Tourism Management**, v. 32, n. 1, p. 16-27, 2011.

- HINTZE, H. C. Ecoturismo na cultura de consumo: possibilidade de educação ambiental ou espetáculo? **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 2, n. 1, p. 57-100, 2009.
- LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. **Ecoturismo**: um guia para planejamento e gestão. São Paulo: SENAC, 1999.
- JAMAL, T.; SMITH, B.; WATSON, E. Ranking, rating and scoring of tourism journals: interdisciplinary challenges and innovations. **Tourism Management**, v. 29, n. 1, p. 66-78, 2008.
- JOGARATNAM, G.; CHON, K.; MCCLEARY, K.; MENA, M.; YOO, J. An analysis of institutional contributors to three major academic tourism journals: 1992-2001. **Tourism Management**, v. 26, n. 5, p. 641-648, 2005.
- KESSLER, M. M. Bibliographic coupling between scientific papers. **American Documentation**, v. 24, p. 123-131, 1963.
- KINKER, S. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais**. Campinas: Papirus, 2002.
- KIRILENKO, A. P.; STEPCHENKOVA, S. Tourism research from its inception to present day: subject area, geography, and gender distributions. **PLoS ONE**, v. 13, n. 11, e0206820, 2018.
- KOC, E.; BOZ, H. Triangulation in tourism research: a bibliometric study of top three tourism journals. **Tourism Management Perspectives**, v. 12, p. 9-14, 2014.
- KÖHLER, A. F.; DIGIAMPIETRI, L. A. Periódicos brasileiros de turismo (1990-2018): avaliação e classificação por meio de métricas de impacto e híbridas. **Turismo em Análise**, v. 31, n. 2, p. 200-226, 2020.
- KÖHLER, A. F.; DIGIAMPIETRI, L. A. Estudos de hospitalidade: análise bibliométrica e de redes sociais do campo de turismo no Brasil, 1990-2018. **Revista Hospitalidade**, v. 18, n. 1, p. 104-135, 2021.
- KÖRÖSSY, N. Do “turismo predatório” ao “turismo sustentável”: uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 8, n. 2, p. 56-68, 2008.
- KOSEOGLU, M. A.; RAHIMI, R.; OKUMUS, F.; LIU, J. Bibliometric studies in tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 61, p. 180-198, 2016.
- KUMAR, S.; SUREKA, R.; VASHISHTHA, A. The Journal of Heritage Tourism: a bibliometric overview since its inception. **Journal of Heritage Tourism**, v. 15, n. 4, p. 365-380, 2020.
- LOBO, H. A. S.; PERINOTTO, J. A. J.; BOGGIANI, P. C. Espeleoturismo no Brasil: Panorama geral e perspectivas de sustentabilidade. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 1, n. 1, p. 62-83, 2008.
- MCKERCHER, B. A case for ranking tourism journals. **Tourism Management**, v. 26, n. 5, p. 649-651, 2005.
- MCKERCHER, B. A citation analysis of tourism scholars. **Tourism Management**, v. 29, n. 6, p. 1.226-1.232, 2008.
- MITRAUD, S. **Manual de ecoturismo de base comunitária**: ferramentas para um planejamento responsável. Brasília: WWF Brasil, 2003.

- MORENO-GIL, S.; PARRA-LÓPEZ, E.; PICAZO-PERAL, P.; DÍAZ-DOMÍNGUEZ, C. The dissemination of tourism scientific research in Latin American journals. A bibliometric study. **Anatolia**, v. 31, n. 4, p. 549-564, 2020.
- MULET-FORTEZA, C.; GENOVART-BALAGUER, J.; MAULEON-MENDEZ, E.; MÉRIGO, J. M. A bibliometric research in the tourism, leisure and hospitality fields. **Journal of Business Research**, v. 101, p. 819-827, 2019.
- OTTE, E.; ROUSSEAU, R. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. **Journal of Information Science**, v. 28, n. 6, p. 441-453, 2002.
- PEDRINI, A. G.; MESSAS, T. P.; PEREIRA, E. S.; GHILARDI-LOPES, N. P.; BERCHEZ, F. A. Educação ambiental pelo ecoturismo numa trilha marinha no Parque Estadual da Ilha Anchieta, Ubatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 3, n. 3, p. 428-459, 2010.
- PIRES, P. S. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Revista Turismo – Visão e Ação**, v. 1, n. 1, p. 75-91, 1998.
- RACHERLA, P.; HU, C. A social network perspective of tourism research collaborations. **Annals of Tourism Research**, v. 37, n. 4, p. 1.012-1.034, 2010.
- RIBAS, L. C. C.; HICKENBICK, C. O papel de condutores ambientais locais e de cursos de capacitação no ecodesenvolvimento turístico e as expectativas sociais no Sul do Brasil. **Turismo em Análise**, v. 23, n. 1, p. 143-165, 2012.
- RUSCHMANN, D. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.
- STRANDBERG, C.; NATH, A.; HEMMATDAR, H.; JAHWASH, M. Tourism research in the new millennium: A bibliometric review of literature in Tourism and Hospitality Research. **Tourism and Hospitality Research**, v. 18, n. 3, p. 269-285, 2018.
- TRIBE, J. The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-657, 1997.
- TRIBE, J. Tribes, territories and networks in the tourism academy. **Annals of Tourism Research**, v. 37, n. 1, p. 7-33, 2010.
- WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manole, 2001.
- XIAO, H.; SMITH, S. L. J. The making of tourism research: insights from a social sciences journal. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 2, p. 490-507, 2006.
- YE, Q.; LI, T.; LAW, R. A coauthorship network analysis of tourism and hospitality research collaboration. **Journal of Hospitality & Tourism Research**, v. 37, n. 1, p. 51-76, 2013.

Notas:

¹ “From the macro-level viewpoint of the academic field itself, which is the focus of this study, systematic examination of published scholarship is used to track evolution of the discipline, identify new trends and developments, point to gaps in knowledge and areas of inconsistency in research findings, suggest directions for future research, and, more generally, provide an up-to-date overview of the field. For such a wide-ranging and diverse discipline as tourism, which is infused with contributions from various fields of inquiry, the analysis of its structural properties is of a particular value”.

² “First, to produce, disseminate and exchange academic knowledge. Second, to rank research and scholarly work in order to aid the distribution of education and research funds. Third, to inform decisions concerning appointment and promotion as well as identify the relative status of individuals, departments and institutions”.

³ “[...] (a) What is the intellectual structure of the discipline and how does it evolve? (b) What is the social structure of the discipline? (c) What are the conceptual structures of the discipline? (d) What is the best way to evaluate research output? (e) How should the impacts of researchers and institutions be assessed? (f) How is the given discipline progressing on themes sought, methods employed, and samples used? By answering these questions, potential subjective biases are minimized and expert inferences are validated, leading to schools of thought and the interrelated connections among them being delineated”.

⁴ “Areas such as population, prosperity, peace, pollution, protection, social responsibility, or ethics have yet to fully emerge, as posited in previous bibliometric studies”.

⁵ Para a delimitação desse conjunto, foi selecionado o primeiro centil (1%) dos artigos com mais impacto, para todas as citações reais e para as citações reais, de acordo com cada tipo de quem cita (artigo de periódico, livro, monografia [dissertação de mestrado e tese de doutorado] etc.).

Andre Fontan Kohler: Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: afontan@usp.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9685238346639549>

Luciano Antonio Digiampietri: Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Brasil.

E-mail: luciano.digiampietri@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1689147340536405>

Data de submissão: 19 de março de 2021

Data do aceite: 27 de abril de 2021

Avaliado anonimamente